



## SEÇÃO LIVRE

**Em busca da Província Perdida: Marcel Proust e a revista Nordeste***Em busca da Província Perdida: Marcel Proust and the Nordeste Magazine**Em busca da Província Perdida: Marcel Proust y la revista Nordeste***Paulo Rodrigo Andrade Haiduke<sup>1</sup>**[orcid.org/0000-0002-4894-1737](https://orcid.org/0000-0002-4894-1737)  
[paulohaiduke@unicentro.br](mailto:paulohaiduke@unicentro.br)**Recebido em:** 29 maio. 2024.**Aprovado em:** 29 jul. 2024.**Publicado em:** 07 mar. 2025.

**Resumo:** Em 1948, a Livraria do Globo lançou *No caminho de Swann* e iniciou a publicação do que viria a ser a primeira versão no Brasil do volumoso romance de Marcel Proust, traduzido então como *Em busca do tempo perdido*. A publicação dos sete volumes levou alguns anos, mas o início dessa empreitada foi muito importante para um dos momentos de maior repercussão do romancista francês na cultura brasileira. De fato, parecia que Proust havia se tornado passagem obrigatória para a intelectualidade brasileira, o que conseqüentemente gerou uma fortuna crítica extremamente ampla e variada nessa conjuntura da segunda metade da década de 1940 e início da de 1950. Especialmente, isso significou que o analista do tempo perdido fosse apropriado a partir de questões que podem ser chamadas por ora de *regionais*, o que vale não apenas para supostos centros urbanos periféricos, mas também para a própria capital federal. O presente artigo se debruça assim sobre um exemplar dessa recepção, a edição da revista *Nordeste* de 1949 intitulada *Em busca da Província Perdida*. Seu objetivo é entender como essa leitura da obra proustiana foi possível, e se posicionou dentro do cenário cultural brasileiro de então, principalmente para inferir o que significou tal apropriação para o grupo dessa revista recifense. A hipótese é a de que a ênfase na dimensão provinciana da obra de Proust não apenas implicou apego às coisas locais, como parece mais óbvio, mas funcionou principalmente como possibilidade de articular o regional e o universal.

**Palavras-chave:** intelectualidade brasileira; regionalismo; modernismo.

**Abstract:** In 1948, the Livraria do Globo released *No caminho de Swann* and began publishing what would become the first version in Brazil of Marcel Proust's voluminous novel, then translated as *Em busca do tempo perdido*. The publication of the seven volumes took a few years, but the beginning of this endeavor was very important for one of the French novelist's greatest repercussions in Brazilian culture. In fact, it seemed that Proust had become an obligatory passage for Brazilian intellectuals, which consequently generated an extremely wide and varied critical fortune at this context of the second half of the 40s and early 1950s. Spatially, this meant that the lost time analyst was appropriated through issues that can be called regional for now, which applies not only to supposed peripheral urban centers, but also to the federal capital itself. This article therefore focuses on an example of this reception, the 1949 edition of *Nordeste Magazine* entitled *Em busca da Província Perdida*. Its objective is to understand how this reading of Proust's work was possible, and how it was positioned within the Brazilian cultural scene at the time, mainly to infer what such appropriation meant for the group of this magazine from Recife. The hypothesis is that the emphasis on the provincial dimension of Proust's work did not only imply an attachment to local things, as seems more obvious, but functioned mainly as a possibility of articulating between regional and the universal.

**Keywords:** Brazilian Intellectuality; Regionalism; Modernism.



Artigo está licenciado sob forma de uma licença  
[Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/)

<sup>1</sup> Universidade Estadual do Centro-Oeste (Unicentro), Guarapuava, Paraná, Brasil.

**Resumen:** En 1948, la Livraria do Globo lanzó *No caminho de Swann* y comenzó a publicar lo que se convertiría en la primera versión en Brasil de la voluminosa novela de Marcel Proust, luego traducida como *Em busca do tempo perdido*. La publicación de los siete volúmenes tomó algunos años, pero el inicio de este emprendimiento fue muy importante en uno de los momentos de mayor repercusión del novelista francés en la cultura brasileña. De hecho, parecía que Proust se había convertido en un paso obligado para la intelectualidad brasileña, lo que en consecuencia generó una amplísima y variada fortuna crítica en esta coyuntura de la segunda mitad de los años 40 y principios de los 50, lo que significó espacialmente que el analista del tiempo perdido fue apropiado desde temas que por ahora pueden denominarse regionales, lo cual se aplica no sólo a los supuestos centros urbanos periféricos, sino también a la propia capital federal. Por lo tanto, este artículo se centra en un ejemplo de esta recepción, la edición de 1949 de la revista *Nordeste* titulada *Em busca da Província Perdida*. Su objetivo es comprender cómo fue posible esa lectura de la obra de Proust y cómo se posicionó dentro de la escena cultural brasileña de la época, principalmente para inferir que significó tal apropiación para el grupo de esta revista de Recife. La hipótesis es que el énfasis en la dimensión provincial de la obra de Proust no implicó sólo un apego a las cosas locales, como parece más obvio, sino que funcionó principalmente como una posibilidad de articular lo regional y lo universal.

**Palabras clave:** intelectualidad brasileña; regionalismo; modernismo.

Em 1950, o importante crítico e historiador da literatura Otto Maria Carpeaux, buscando refletir sobre qual seria a *Lição de Proust*, destacou a necessidade de “explicar o que significa para nós o acontecimento literário dessa publicação brasileira” (1950, p. 110). De fato, o escritor de origem austríaca radicado no Brasil havia pouco mais de uma década identificou o que considerava um evento muito importante do mundo literário brasileiro:

Quando se publica livro importante, a crítica costuma falar em “acontecimento literário”. Nestes dias e meses fala-se e falar-se-á muito em acontecimento literário, a propósito da publicação de *No Caminho de Swann*, primeiro volume do “roman-fleuve” *Em Busca do Tempo Perdido*, que a Livraria do Globo fez traduzir para a língua portuguesa. Nos dois sentidos implícitos nessa notícia, a expressão “acontecimento literário” está plenamente justificada: primeiro, porque a iniciativa da editora é qualquer coisa de extraordinário, sendo admirável a coragem de encarregar-se, nesses tempos de crise, de uma tarefa que serve muito mais à cultura literária do país do que a fins comerciais;

depois, porque a tradução de Mário Quintana é de alta qualidade, digna do original – e isso quer dizer muito (Carpeaux, 1950, p. 109).

Várias foram as manifestações desse acontecimento literário, cujo impacto pode ser sentido pela ampla fortuna crítica publicada na época, sobretudo em revistas e jornais.

O presente artigo tem por objetivo analisar uma delas, a edição especial da revista de cultura *Nordeste* do final de 1949, intitulada *Em busca da Província Perdida*, homenagem à primeira vista um tanto quanto espantosa. Assim, uma problemática central aqui será, tal como Michel Espagne destaca, “compreender por quais mecanismos as formas identitárias podem alimentar-se de importações” (2012, p. 21).

De fato, o início da publicação em 1948 da obra máxima de Proust em português, empreendida pela Livraria do Globo sediada em Porto Alegre, cuja finalização se daria em 1956 com a publicação do sétimo volume, foi um fator que mudou radicalmente as relações entre a cultura intelectual brasileira e a obra do romancista francês<sup>2</sup>. De diversas formas, a obra proustiana foi-se tornando incontornável, exigindo a atenção da intelectualidade local. Pois, mesmo que a recepção brasileira tenha estado atenta, desde o início da década de 1920, a atenção exponencialmente maior no final da década de 1940 sugere que as palavras de Proust tinham, no entendimento de intelectuais como Carpeaux, lições a dar à realidade brasileira de então, marcada por grandes mudanças.

O fim do Estado Novo, concomitantemente com o da Segunda Guerra Mundial, abriu um panorama novo, marcado no cenário nacional pela promulgação da Constituição de 1946 e pela Guerra Fria na dimensão internacional. Inevitavelmente, isso demandou rearranjos no campo cultural, pelos quais intelectuais reviram seus lugares, com implicações na literatura. Olhar para a revista *Nordeste* nessa conjuntura leva a considerar, antes de mais nada, essas transformações de um lugar *a priori* denominado “regional” que,

<sup>2</sup> Mário Quintana traduziu a maioria dos volumes, cuja finalização ainda contou com traduções de Carlos Drummond de Andrade, Lourdes Sousa de Alencar, Lúcia Miguel Pereira e Manuel Bandeira.

ao provincianizar o romancista francês Marcel Proust com a edição especial de 1949, ensaiou uma articulação mais abrangente<sup>3</sup>.

É importante notar que essa presença de Proust no campo intelectual brasileiro esteve ligada, como aponta Oliveira (1993, p. 258), a uma voga proustiana internacional. Conforme Sauthier (2014, p. 366-367), após uma estiagem no Brasil e no mundo ao longo da década de 1930 e primeira metade da de 1940, o interesse por Proust ressurgiu na nova geração intelectual modernista que então entrou em cena, representada principalmente pela revista *Clima*, e no caso da literatura especialmente pela presença de Antonio Candido e Ruy Coelho<sup>4</sup>. Essas foram, portanto, algumas das condições da redescoberta de Proust no Brasil a partir da década de 1940, de forma ainda mais incisiva após o fim do Estado Novo e da Segunda Guerra Mundial.

Embora São Paulo e Rio de Janeiro fossem os principais polos culturais e intelectuais, o cenário nacional contava com outros centros importantes. Porto Alegre, sede da editora que traduzia Proust, e Recife, local de publicação da *Nordeste*, são apenas alguns exemplos. Conforme Etienne Sauthier (2014, p. 367), a diversidade desses

espaços intelectuais, perpassados por mesclas, diferenças e permeabilidades, marcou a entrada de Proust no Brasil, redescoberto de forma conjunta a partir de 1945. Interessante destacar que o então *Mensário de Cultura Nordeste* foi lançado justamente alguns meses após o final da Segunda Guerra Mundial<sup>5</sup>.

O interesse da intelectualidade do Nordeste em relação a Proust e sua obra não era novidade, com raízes que remontam às décadas de 1920-1930, sobretudo com Gilberto Freyre, Jorge de Lima e José Lins do Rego<sup>6</sup>. Assim, uma base da leitura da *Nordeste* de 1949 já havia sido consolidada há alguns anos, simbolicamente articulada como método para apreender a história por Freyre (2003), no prefácio de *Casa-Grande & Senzala*, originalmente publicado em 1933. Esse viés supostamente regionalista foi elemento importante da recepção proustiana no Brasil, e se envolveu em debates relativos ao modernismo. A leitura de Freyre, da epifania proustiana como chave de algo perdido e reencontrado, na verdade se articula de alguma maneira com a busca pela brasilidade empreendida de maneira ostensiva desde a Semana de 1922<sup>7</sup>.

A partir das reflexões de José Murilo de Carva-

<sup>3</sup> A presente abordagem parte de uma premissa de Monica Pimenta Velloso (2006, p. 316): "Minha proposta é pensar as revistas nesta sua dupla dimensão: fonte e objeto de análise. A avaliação de Chartier é o fio condutor dessa reflexão, permitindo perceber as revistas em sua complexa historicidade e articulações específicas que estabelecem em relação ao moderno".

<sup>4</sup> A primeira edição da revista *Clima*, em 1941, apresentou entre os artigos iniciais o texto de Ruy Coelho intitulado "Marcel Proust e a nossa época".

<sup>5</sup> A *Nordeste* foi lançada em 28 de novembro de 1945, então denominada como um mensário de cultura por conta da intenção inicial em ser uma publicação mensal, e contava com a seguinte equipe: Esmaragdo Marroquim como diretor, Aderbal Jurema como redator-chefe, Fernando Barros Lima como gerente. Esse periódico estava atrelado ao *Jornal do Commercio* de Recife, onde tinha sua redação e impressão (Nascimento, 1997, p. 105-108). Importante destacar que esse é o mesmo período em que foi criada a Empresa Jornal do Commercio, ampliando suas bases através de outros veículos de imprensa como rádios, até a televisão na década de 1960 (Barros, 2009). As páginas da *Nordeste* articulavam textos sobre arte e cultura em geral, com artigos sobre questões políticas, sociais e econômicas contemporâneas, além de propagandas de variados produtos e serviços. A edição de maio/junho de 1949, ao noticiar a futura homenagem, já destacava como o tema *Proust e a Província* poderia causar espanto para muitos leitores. Encontram-se digitalizados 29 números do periódico entre 1945 e 1955 no site da Fundação Joaquim Nabuco, embora a série publicada originalmente tenha sido maior (<https://www.gov.br/fundaj/pt-br/composicao/dimeca-1/biblioteca/acervos/publicacoes-digitalizadas/nordeste>). O título do periódico sempre foi apenas *Nordeste*, contudo seu expediente trouxe no início a denominação "mensário de cultura" entre 1945 e 1948, seguindo a partir de 1949 como "revista de cultura" até o último número encontrado de 1965. O presente artigo optou pelo uso dessas variações, também de suas formas reduzidas, como revista *Nordeste* e mensário *Nordeste*, para ser mais fiel às formas usadas tanto pelo próprio periódico quanto pelos respectivos contemporâneos.

<sup>6</sup> *O Mundo do Menino Impossível* de Jorge de Lima, de 1925, teria marcado a emergência do exercício literário regionalista proustiano feito no Brasil (Sauthier, 2014, p. 501). É notório o prefácio original de 1933 de *Casa-Grande & Senzala*, quando faz alusão a certo método proustiano: "A história social da casa-grande é a história íntima de quase todo brasileiro: da sua vida doméstica, conjugal, sob o patriarcalismo escravocrata e polígamo; da sua vida de menino: do seu cristianismo reduzido à religião da família e influenciado pelas crenças da senzala. O estudo da história íntima de um povo tem alguma coisa de introspecção proustiana; os Goncourt já o chamavam 'ce roman vrai'. O arquiteto Lúcio Costa diante das casas velhas de Sabará, São João del-Rei, Ouro Preto, Mariana, das velhas casas-grandes de Minas, foi a impressão que teve: 'A gente como que se encontra... E se lembra de coisas que a gente nunca soube, mas que estavam lá dentro de nós; não sei - Proust devia explicar isso direito'" (Freyre, 2003, p. 44).

<sup>7</sup> O fato de Sérgio Buarque de Holanda ter dedicado dois artigos a Proust no carioca *Diário de Notícias* em 1948, sobre sua obra e sua tradução no Brasil, exemplifica a atenção de dois dos principais cânones do Pensamento Social Brasileiro. De fato, em medidas diferentes, ambos deram crédito a Proust principalmente no que diz respeito ao realismo do seu método literário em evocar o tempo passado, como pode ser visto em "Tempo e Verdade", texto de Sérgio Buarque de Holanda, mais tarde também publicado na *Proustiana Brasileira* de 1950 (p. 139-144).

lho (2000) sobre a história intelectual brasileira, podemos supor que a retórica da intelectualidade brasileira nessa conjuntura mobilizou Proust como garantia, espécie de autorização do lugar de fala, seja na capital nacional, seja no Recife. E se a *Nordeste* destacava a dimensão provinciana de Proust, como refere Carvalho, é porque de alguma forma seu potencial leitorado em alguma medida demandava isso: a busca da província perdida era também busca de adesão do potencial leitorado. Em outro sentido, o uso de Proust aqui parece também proposital, visto que já era então um dos grandes símbolos mundiais da modernidade literária e foi reivindicado como guia maior na busca pela província perdida. Isso criava uma sintonia entre o grupo que assinou os textos de 1949 nesse periódico de Recife e uma modernidade parisiense.

Parece assim claro, a partir das reflexões de José Murilo de Carvalho (2000), que fazer de Proust um regionalista significava aqui usar a autoridade de um já cânone da literatura modernista mundial para afirmar que o regionalismo na verdade poderia ser inserido no espectro das vanguardas literárias. Ainda conforme Carvalho (2000, p. 143), a exportação de ideias não significa apenas dependência intelectual, e o caso da *Nordeste* parece mostrar isso.

Essa introdução permite melhor entender porque nessa conjuntura "Conhecer Proust, ou pretender conhecê-lo, era condição indispensável ao intelectual brasileiro naquele momento" (Oliveira, 1993, p. 50)<sup>8</sup>. Essa afirmativa aparece quando Maria Marta Laus Pereira Oliveira analisa textos publicados no *Diário de Pernambuco* por Glaucio Veiga, segundo ela um representante do então interesse da intelectualidade dos estados do Nordeste pela obra proustiana. A tese da autora é uma pesquisa ampla sobre a recepção crítica de Proust no Brasil ao longo do século XX, e por isso mesmo não enfocou a edição da *Nordeste*

de 1949 como objeto privilegiado.

Ainda assim, a autora abordou a edição especial da revista recifense, sobretudo no trecho de sua tese intitulado "Os brasileiros e a busca da província natal" (Oliveira, 1993, p. 234-242), no qual destaca que esse interesse por Proust não se deu exclusivamente pelo gosto do regional, mas resultava também da atração que a análise introspectiva do romance causava em modernistas brasileiros. Abrindo caminho assim à exploração do subconsciente, o encontro da província natal resultava das reminiscências do protagonista proustiano, relativas aos locais que foram palcos da sua infância, cuja guarda se devia à memória involuntária. Segundo Oliveira (1993, p. 235), "Mais que Freud, Marcel Proust influenciou os modernistas brasileiros na exploração do subconsciente, onde as experiências acumuladas passaram a servir de matéria prima para a obra poética e de ficção". Vemos, portanto, que o gosto pela Província não era mera nostalgia romântica, mas resultava de um impulso semelhante à então moderna psicanálise.

Embora essa não seja a única chave de leitura, é seguramente o elemento mais evidente da edição especial da *Nordeste* de 1949, principal exemplar da leitura regionalista de Proust nessa conjuntura. Nesse sentido, Oliveira (1993) vê a edição da *Nordeste* de 1949 não como exceção, mas sim como resultante da linhagem modernista que há décadas buscava conhecer melhor a terra natal, o que implicava aqui o redescobrimiento da província perdida<sup>9</sup>.

A tese de Etienne Sauthier (2014), enfocando um recorte temporal reduzido em relação ao período abordado por Oliveira, possui um interesse maior para o campo historiográfico. Em sua abordagem do que denomina *Revista Literária Nordeste*, o texto do redator-chefe Aderbal Jurema, espécie de editorial do número especial de 1949, é lido como símbolo da reapropriação

<sup>8</sup> A afirmação é de Maria Marta Laus Pereira Oliveira, cuja tese em Literatura Comparada de 1993 surgiu como o estudo até então mais extenso sobre a recepção de Proust no Brasil. Antes, um dos principais levantamentos era de Ignacio Antonio Neis, publicado entre 1988 e 1989 na revista *Travessia* da UFSC, fruto de uma pesquisa realizada em 1964. Em 2014, Etienne Sauthier defendeu na Université Paris 3 – Sorbonne Nouvelle uma tese em História sobre o tema, com recorte entre 1913 e 1960.

<sup>9</sup> Blaise Cendrars relata que, quando recebeu a obra de José Lins do Rego em 1935, o portador Paulo Prado teria dito: "Você se lembra, Blaise, do que você me dizia uma vez sobre o tempo perdido? Acabei achando que você tinha razão. Trago-lhe um autor que encontrou o tempo. É o nosso Proust. Um jovem. Leia-o" (Cendrars *apud* Oliveira, 1993, p. 236).

identitária regionalista de Proust, através da reativação das exegeses e apropriações de Jorge de Lima e José Lins do Rego (Sauthier, 2014, p. 385-6). Contudo, o historiador não ressalta que, mesmo não sendo talvez majoritário, o sentido da edição especial se revestia como impulso cultural em sintonia com questões modernistas, cujo principal exemplo, veremos a seguir, é o texto de Luiz Santa Rosa.

Segundo a tese de Sauthier (2014, p. 487), esse período de redescoberta de Proust atualizou as três principais apropriações que a intelectualidade brasileira havia já estabelecido com a obra desde a década de 1920: uma postura mais cosmopolita de empatia com a cultura francesa no espaço de recepção carioca; a presença minimalista de Proust no espaço paulistano; a recepção identitária regionalista do Nordeste. Merece destaque esse pouco interesse da modernidade paulistana, diferente do espaço nordestino que teria inventado muito bem um Proust provinciano, segundo Sauthier (2014), como uma forma de oposição aos centros nacionais representados pelas cidades do Rio de Janeiro e São Paulo. Contudo, o excelente trabalho de Etienne Sauthier (2014), pelos próprios objetivos mais amplos que tem, não aprofunda como isso foi operacionalizado. A hipótese já insinuada aqui é que a chave de entrada dessa intelectualidade nordestina foi justamente a noção de província, sugerida pela conexão Recife/Rio de Janeiro/Paris e apresentada no editorial já evocado de Aderbal Jurema (1949), ao qual voltaremos mais adiante.

O objetivo aqui não é concluir qual a interpretação verdadeira ou não, ou qual leitura é a mais autorizada e legítima. Conforme destaca Michel Espagne (2012, p. 22), mais importante que pensar se um autor foi mal lido ou interpretado em determinado contexto de circulação, o debate sobre transferências culturais deve focar em como a entrada de objetos estrangeiros, como um romance, possibilita leituras originais. Na

verdade, essa abordagem demanda conceder legitimidade à leitura de um Proust provinciano como condição para entender como isso se deu e o que significou, para só a partir daí inferir possíveis implicações às relações dentro do cenário intelectual nacional. Isso implica também abordar o espaço intelectual nordestino, principalmente através da *Nordeste* e de Recife, como tendo algum protagonismo no espaço nacional. Proust em busca da província perdida sugere, assim, uma possibilidade de articulação, uma janela de abertura pela qual esse periódico recifense lançava seu olhar em direção ao Brasil e ao mundo. A homenagem não significava render louvores de dependência para com o antigo epicentro cultural que fora a Paris ainda de Proust. Como destacado por José Murilo de Carvalho (2000), a apropriação do escritor francês pode ser também entendida como arma de batalha retórica.

Interessa agora ensaiar aproximações e contrapontos entre a *Nordeste* e as outras edições especiais que saíram sobre Proust no Rio de Janeiro: o especial da *Revista Branca* de 1948-1949; e a *Proustiana Brasileira* de 1950. Assim como o número da revista recifense que é o objeto aqui, essas duas edições têm suas raízes no Proust-Clube carioca, mas com suas peculiaridades, pois, enquanto a edição recifense foi montada por intelectuais dessa agremiação e publicada por um periódico externo, as outras duas publicações derivaram de um periódico criado por proustianos no Rio de Janeiro. A *Revista Branca* havia sido lançada em 1948, um ano após a criação do Proust-Clube, e com um de seus membros na direção do periódico: Saldanha Coelho. Enquanto a edição especial se colocava na sequência do periódico como quarto número da série, a *Proustiana Brasileira* surgiu como livro, compêndio de textos de maior fôlego até então lançados sobre Proust no Brasil, com cerca de duzentas páginas<sup>10</sup>.

Diferente da *Nordeste*, que mal toca no assunto da tradução de Proust pela Globo, tanto

<sup>10</sup> A edição da *Proustiana Brasileira*, bem como de outras publicações realizadas pela *Revista Branca*, teve auxílio governamental de um órgão sediado no então Ministério da Educação e Saúde: o Instituto Nacional do Livro. Esse instituto havia sido criado em 1937 e tinha desde então como diretor o gaúcho Augusto Meyer, também membro do Proust-Clube, e importante proustiano da fortuna crítica brasileira desde o final da década de 1920.

a *Revista Branca* quanto a *Proustiana Brasileira* trazem textos específicos sobre a empreitada da editora gaúcha. Assim, a questão é pertinente: por que a edição especial do periódico recifense não tematizou, tampouco noticiou, o lançamento da tradução, tema central da recepção proustiana no período?

É interessante observar que a *Proustiana Brasileira*, que se queria como a antologia brasileira de documentos sobre o tema, pouco toque na recepção regionalista de Proust, mesmo compartilhando autorias de textos com a edição da *Nordeste*. De fato, apenas "Introdução a um estudo sobre Marcel Proust", de Gastão de Holanda (1950, p. 155-167), toca a questão num pequeno trecho, quando o crítico fala da vivência do tempo da província, distante do regime das horas, do que deriva que o intelectual ali seria aquele que mais contempla do que age. É curioso o fato de que, sendo recifense, Gastão de Holanda não tenha participado da edição da *Nordeste*, mas que caiba a ele falar da província na *Proustiana Brasileira*. Contudo, mesmo apenas *en passant*, o crítico retoma um ponto que havia sido central para a edição de 1949, ao afirmar: "Combray é um tipo universal de província" (Holanda, 1950, p. 164).

Vamos agora focalizar especificamente a *Nordeste*, principalmente sua edição especial intitulada *Em busca da Província Perdida*, dedicada a Marcel Proust e publicada no final de 1949. O periódico surgiu em 1945, não com um editorial propriamente dito, mas com o significativo texto "*Na Porta de Saída das Guerras*", de Luiz Delgado, abrindo o lançamento do novo mensário de cultura. Esse balanço da situação internacional já sugere que a *Nordeste*, mesmo muito dedicada às questões regionais, se voltava para o mundo. Entre os colaboradores do primeiro volume, vemos figuras de destaque dentro das letras e artes brasileiras, como Jorge de Lima, Manuel Bandeira e Portinari.

Os três números seguintes da revista, publicados entre 1945 e 1946, trazem um texto que parece manifestar muito mais o que podemos chamar de "linha editorial", embora não esteja assim apresentado: trata-se de um texto de Gilberto Freyre, resultado de uma fala proferida no Gabinete Português de Leitura. Destacando elementos que reapareceriam no *Manifesto Regionalista* de 1926, publicado pela primeira vez em 1952, Freyre (1996) tenta estabelecer uma relação entre os elementos elencados no próprio título: "Povo, Província, Estudante e Arte". Ao fim, acaba exortando os jovens ao engajamento com o ideário regionalista:

Estudantes de Pernambuco: matutos, sertanejos, caboclos, operários, pequenos funcionários públicos, labradores e comerciantes do subúrbio e do interior cujas mulheres e filhos sabem fazer rendas, doce, cesto, vassouras, chapéu, espanador, alpercata, rede, gritam por vocês. Vocês estão no dever de ir ao encontro deles: de sua miséria e de sua arte. Este é um aspecto do problema. O outro é este: vocês têm muito que aprender com eles. Nós todos temos muito que aprender uns com os outros (Freyre, 1946, p. 17).

De fato, uma breve consulta aos volumes da *Nordeste* demonstra que Gilberto Freyre foi uma figura importante e recorrente, com alguns textos muito interessantes, como o já citado. O que surpreende mais, nos primeiros contatos com o periódico, é que o sociólogo recifense foi tema constante da maioria dos 34 números publicados entre 1945 e 1955, sendo objeto dos mais variados textos, desde pequenas notas informando suas publicações recentes, ou sua agenda como deputado federal na capital, ou de sociólogo e em viagens no exterior, até artigos de maior fôlego<sup>11</sup>.

Na edição especial de 1949, Gilberto Freyre não aparece diretamente, mas há uma ligação temática evidente através dessa noção de província, que dá o título tanto do texto citado anteriormente quanto na homenagem. De fato, ele

<sup>11</sup> Foram encontrados exemplares da *Nordeste* publicados até 1965, mas o presente artigo destaca os anos entre 1945-55 pois eles marcam sua primeira fase, quando a revista esteve sob a liderança intelectual do redator-chefe Aderbal Jurema. A presença de Gilberto Freyre na *Nordeste* abre muitas questões e surge como objeto de pesquisa que pretendo desenvolver em outros trabalhos. Aqui, cabe colocar a seguinte pergunta: se Proust era passagem obrigatória da intelectualidade brasileira, por que Gilberto Freyre não publicou texto algum sobre sua obra como, por exemplo, fez Sérgio Buarque de Holanda? Não é possível responder essa pergunta aqui sem especular muito, mas isso não diminui a pertinência da questão, ainda mais considerando o lugar que Freyre dá ao "método proustiano" na sua abordagem da História do Brasil.

era considerado uma liderança do regionalismo não apenas no Nordeste, mas também por intelectuais de outras regiões. Em um artigo de 1946 que analisava o lançamento de *Sagarana*, Antonio Candido (2002, p. 183-189) inicia com uma crítica ao regionalismo, destacando que naquela conjuntura era moda o uso da noção de província, sobretudo como lema do próprio Freyre. Interessante ressaltar que tanto nesse artigo de 1946 quanto no texto sobre *Grande Sertão Veredas* de 1956, Candido (2002, p. 190-192) elogiava João Guimarães Rosa justamente pela síntese que ele teria criado em suas obras entre o regional e o universal. Assim, se a conjuntura pós-1945 se colocava como um balanço dos legados modernistas/regionalistas, isso ocorria também através da mobilização da noção de província. Além disso, notamos também que a busca por estabelecer relações entre o regional e o universal parece muito presente.

Se a *Nordeste* se lançava com Proust *Em busca da Província Perdida*, devemos ter em mente que o fazia na tentativa de articulação com o espaço nacional e internacional. Isso fica manifesto na expressão que Luiz Santa Cruz (1949, p. 07) usa para se referir ao recifense Joaquim Cardozo, para ele "outro grande poeta da Província do modernismo". De maneira semelhante, alguns textos de Gilberto Freyre dessa conjuntura, como *Modernidade e Modernismo na Arte Política* (publicado na *Nordeste* em 1947-1948) ou o capítulo sobre literatura moderna do livro *Interpretação do Brasil* (originalmente publicado em inglês nos Estados Unidos em 1945, e traduzido para o Brasil em 1947), apresentavam uma leitura do tempo

histórico que possibilitava ligar regionalismo e modernismo. A edição especial da revista *Nordeste* em homenagem a Marcel Proust sugere também esse caminho.

Ao longo das vinte páginas da revista, estabelecidas desde seu lançamento em 1945, estão diversos textos sobre Proust e sua obra, além de alguns fragmentos traduzidos do romance, e outros materiais como, por exemplo, cartas<sup>12</sup>. Além disso, diversos textos são acompanhados de fotos e desenhos que ilustram algum aspecto levantado. Segue a lista de autorias, com maioria de intelectuais nascidos na região Nordeste: Aderbal Jurema, Luiz Santa Cruz, Octacílio Alecrim, Lucia Miguel Pereira, Lúcio Rangel, Eustáquio Duarte, Glaucio Veiga, Evaldo Coutinho, Joaquim Cardozo. Há também textos de autores estrangeiros: André Maurois, André Ferré e Lewis Galanitière<sup>13</sup>.

O título *Em busca da Província Perdida* indica desde o início uma linha muito clara de interpretação da obra proustiana, sugerindo o autor como um romancista articulado com o impulso cultural regionalista, sobretudo relacionado ao Nordeste, se levarmos em consideração o sucesso do romance regionalista da década de 1930 e as autorias<sup>14</sup>. Assim, vemos uma articulação na revista *Nordeste* entre o texto de Gilberto Freyre publicado nas três edições entre 1945 e 1946: se lá o ensaísta recifense conclamava estudantes para se voltarem ao povo e à arte da província, aqui a edição especial da *Nordeste* sugeria que até mesmo Proust, escritor mundialmente respeitado e conhecido, já cânone da chamada literatura universal, também fizera essa peregrinação. Isso permitia a leitura de um já consagrado roman-

<sup>12</sup> O volume de páginas não deve enganar o leitor, visto que o formato de 47 x 32 cm dava um aspecto de tabloide/jornal ao periódico. A título de exemplo, *Modernidade e Modernismo na Arte Política*, cuja publicação foi dividida entre o último número de 1947 e o primeiro de 1948, levando em consideração apenas o texto, não chegaria a ocupar três páginas da revista. O mesmo texto, em publicação de 1965 pela José Olympio, possui 19 páginas, e mesmo assim sem trazer a íntegra da publicação da *Nordeste*. A edição de 1965 suprimiu toda a introdução, na qual Freyre critica o regime findado em 1945, taxando-o de *Estado Fortismo*. O texto deriva da fala feita por Gilberto Freyre no Teatro São Paulo em 1946, a convite do Centro Acadêmico XI de Agosto, da Faculdade de Direito da USP.

<sup>13</sup> A edição especial traz também alguns textos sobre outras temáticas, como era prática da *Nordeste* ao abordar questões econômicas, políticas e sociais principalmente da região. Nessa edição, encontram-se: texto de Raul de Goes intitulado "Herman Lundgren: pioneiro do progresso industrial do nordeste"; texto sobre Hélio Coutinho e a administração das docas; texto sobre o Instituto de Previdência e Aposentadoria dos Servidos do Estado (IPASE) e suas realizações em Pernambuco; texto sobre Olívio Duarte e sua administração na presidência da Caixa de Aposentadorias e Pensões dos Ferroviários da Great Western. Esses três últimos textos/reportagens não trazem autoria.

<sup>14</sup> Interessante notar a referência direta à forma como o romance de Proust começava a ser lançado no Brasil. A tradução de *À la recherche du temps perdu* como *Em busca do tempo perdido* não é necessariamente óbvia, tanto que a mais recente edição brasileira que vem sendo publicada pela Companhia das Letras optou por *À procura do tempo perdido*. Isso torna mais intrigante o fato de a tradução, cuja publicação havia sido iniciada em 1948 pela Livraria do Globo, ser praticamente ignorada nessa edição especial.

cista vinculado ao modernismo e às vanguardas europeias como em sintonia com uma espécie de regionalismo, caro a parcela considerável da intelectualidade nordestina.

Por isso é importante entender algumas das noções de província veiculadas pelas leituras proustianas nas páginas da edição de 1949, a fim de melhor compreender como esse Proust provinciano foi mobilizado, apropriado e divulgado. Como já foi destacado a partir das reflexões de José Murilo de Carvalho (2000), o importante aqui não é a legitimidade dessa interpretação e divulgação proustiana como regionalista, mas sim a discussão de como foi feita e o que significou.

Um ponto relevante diz respeito à forma como essa busca é pensada em diversos textos do volume, visto que muitas das críticas mobilizaram uma análise biográfica para tentar explicar o lugar da província natal em Proust e sua obra, e aqui podemos incluir com destaque os textos de escritores estrangeiros ali traduzidos (André Ferré, André Maurois e Lewis Lantieri). A base da argumentação partia da leitura de que a província perdida proustiana estaria de alguma forma atrelada ao passado, que remeteria à formação do jovem narrador/escritor. Esse tempo infantil, tornado lugar no espaço, era base dessa leitura regionalista, e assim justificava a ênfase na leitura do tempo perdido através da (auto)biografia.

A edição especial de novembro de 1949 trazia, abaixo do seu *layout* da capa já estabelecido desde o lançamento do periódico, o título desse volume especial<sup>15</sup>. Ao centro, uma foto do escritor sem nenhuma referência, seguida ainda na primeira página<sup>16</sup> do texto de um respeitado exegeta proustiano, o romancista e biógrafo francês André

Maurois<sup>17</sup>. O texto ali traduzido como introdução da homenagem a Proust faz uma ligação direta entre o protagonista da *Recherche*, que é também o narrador, e a vida do jovem Marcel Proust. O central aqui é reter que Maurois, reconhecido escritor e estudioso, então membro da Academia Francesa e autor de importantes biografias, parece ser usado quase como um selo de qualidade, uma certificação de que a revista *Nordeste* não está alheia à atualidade de Proust, tampouco à fortuna crítica mais atualizada na França. Em vez de receber um Proust de intermediários do Brasil, caso a *Nordeste* se focasse na tradução da Livraria do Globo feita entre Porto Alegre e Rio de Janeiro, esse grupo de intelectuais reivindicava a extrema atualização com a exegese proustiana original da França. Mais do que isso, a apresentação da *Nordeste* sugeria que o estudo de Maurois estaria focado na leitura do lugar da província na vida e obra de Proust.

Entre os artigos que mais utilizam o livro de André Maurois, e que se coloca como importante na explicação biográfica do romance proustiano, está o escrito por Lúcia Miguel Pereira (1949), tradutora mais tarde de *O Tempo Redescoberto*, sétimo volume que fecha a tradução de *Em busca do tempo perdido* em 1956. Na verdade, a crítica de Pereira (1949) enfoca mais a própria biografia do que o romance de Proust. Gotejando reflexões com as discussões de biógrafo de Proust, e citando também Albert Feuillerat, a crítica acaba sendo uma apologia da obra de André Maurois. Lúcia Miguel Pereira, embora não enfoque a província em seu texto, acaba destacando uma das chaves principais dessa relação, ao afirmar que Proust "escreveu uma autobiografia romanceada"

<sup>15</sup> Pelo expediente da revista que consta na página sete, sua distribuição pode ser considerada como de nível nacional, com representantes em diversas cidades, de norte a sul do Brasil, além de três representantes internacionais. Não constam informações sobre a tiragem desse número, tampouco dos outros para qualquer conclusão. Em 1955, a revista contava com 15 representantes no Brasil e exterior. É possível observar comentários sobre a revista em outros periódicos contemporâneos como, por exemplo, na revista *Joaquim* ou mesmo na revista *Cruzeiro*.

<sup>16</sup> Importante destacar que o formato do periódico excluía uma capa como elemento extratextual, já trazendo textos em sua abertura. Isso significa que o leitor, quando entrava em contato com a edição especial da *Nordeste*, se deparava já com o título *Em busca da Província Perdida* e a foto do romancista Marcel Proust.

<sup>17</sup> Esse trecho da introdução faz uma montagem com recortes traduzidos de páginas diversas da obra *À la recherche de Proust: étude et biographie littéraire*, publicada por Maurois justamente em 1949, como foi possível verificar consultando a edição original. Além de abrir a revista, o livro de Maurois é objeto que repetidas vezes aparece neste volume da *Nordeste*, usado como espécie de intérprete autorizado para os críticos brasileiros que ali escreveram. Ele é citado em muitos textos, além de figurar também um trecho na página 08 traduzido por alguém com o pseudônimo de João Swann, cujo conteúdo enfatiza o lugar da cidade de Illiers como paraíso terrestre proustiano, partindo de uma explicação extremamente biográfica da obra e da relação entre lugares reais e lugares ficcionais.

(1949, p. 09)<sup>18</sup>.

Diversos são os temas que aparecem tratados ao longo da desse número da revista, embora praticamente todos acabem articulados com a ideia de província. Assim, os autores enfatizam muito a infância de Proust e os locais onde viveu, relacionando isso com a construção dos espaços do romance. Enfim, a busca pela Província se faz muitas vezes em sintonia com a dissecação de questões biográficas, como podemos também ver no texto de Evaldo Coutinho "*À margem da Correspondência de Marcel Proust*", que, ao abordar a correspondência do romancista, propõe relações entre as pessoas reais, supostas modelos do romance, e as construções ficcionais da *Recherche*.

O texto de André Ferré, na segunda página, é um trecho traduzido de seu livro *Géographie de Marcel Proust* de 1939<sup>19</sup>. A escolha parece dar continuidade, como espécie de justificação, à proposta da homenagem. O texto, ao abordar as relações entre Geografia e Literatura, novamente aponta para a importância dos lugares da infância tanto na formação do então jovem Proust quanto na sua utilização depois para a construção romanesca. É importante reter que a edição especial da *Nordeste* trazia assim, nas suas primeiras páginas, textos de especialistas franceses que publicavam sobre Proust desde a década de 1920, o que reforçava uma ligação direta com a atualidade da fortuna crítica francesa.

Na segunda página do volume, além do trecho de Ferré, encontra-se o pequeno texto do redator-chefe, que explica rapidamente a proposta da edição. Nessa espécie de editorial, Aderbal Jurema (1949) destaca que todos que ali colaboraram, brasileiros de norte a sul e até franceses, estavam em busca de suas respectivas províncias perdidas<sup>20</sup>. Com um título sugestivo, "Nós e Proust", Jurema relembra a recente visita que o romancista francês Albert Camus fizera ao Re-

cife em julho do mesmo ano, quando expressara surpresa pela "afinidade" e "popularidade" que Proust gozava entre "os intelectuais brasileiros" (1949, p. 02).

A partir de Camus, como interlocutor virtual de prestígio, Aderbal Jurema construiu seu texto para insistir no mote da edição: a importância de Proust na busca pela província perdida. Essa recuperação do tempo perdido não seria saudosismo romântico, mas, sim, força criadora da memória, tema muito relevante visto que, dentro do debate sobre o regionalismo, observado a partir de sua inserção no panorama do modernismo brasileiro, o perigo da nostalgia romântica era potencial. Jurema, na verdade, coloca essa busca pelo passado como impulso do rejuvenescimento: "Esta busca, esta procura do que ficou em nosso passado não implica uma atitude saudosistamente inócua. Foi nos escaninhos das impressões passadas que Proust rejuvenesceu, com uma pureza estética absoluta, a literatura francesa e, porque não dizer, a de todo mundo ocidental" (1949, p. 02).

Aderbal Jurema finaliza seu texto justamente com a ligação já aludida, entre regional, nacional e universal, com uma bela relativização da Província, não como verdadeiro lugar remoto em oposição às metrópoles modernas, mas como esse lugar/memória do passado que existira até para os mais cosmopolitas, e que surge como espécie de janela do local para o mundo:

Esmaragdo Marroquim, Eustáquio Duarte, Santa Rosa, Roberto Assumpção e tantos outros, todos nós somos, pelo menos em raros instantes, uns proustianos, quer vivamos em Recife, envolvidos pelos velhos e plácidos cristais do Capibaribe, ou no Rio tumultuoso às margens da Guanabara, ou ainda em Paris à beira das barrentas e civilizadas águas do Sena. Dentro de nós, sem contar o tempo, sem medir o espaço, a criança que já fomos, o jovem que não nos apercebemos de ter sido e a madureza de hoje continuam e continuarão sempre, incansavelmente, em busca da província perdida (Jurema, 1949, p. 02).

<sup>18</sup> Lúcia Miguel Pereira, ao lado de Lúcio Rangel, foram os únicos que escreveram na *Nordeste* que não tinham origem nordestina de nascimento, excetuando-se os escritores estrangeiros publicados na edição.

<sup>19</sup> O texto tem tradução de José Guermantes, mesmo pseudônimo que aparece em uma tradução publicada na *Proustiana Brasileira* de 1950. Não foi possível identificar quem seriam as pessoas por trás dos pseudônimos João Swann e José Guermantes.

<sup>20</sup> Na página 13, a revista destaca que em janeiro de 1950 seria lançado pela *Nordeste* um livro de ensaios literários de Aderbal Jurema chamado *Provincianas*. Isso mostra que, tal como a *Revista Branca*, a *Nordeste* se lançou não apenas como periódico, mas também no mercado editorial de livros como uma pequena editora.

Recife, Rio de Janeiro e Paris; Capibaribe, Guanabara e Sena: longe de opor regional, nacional e universal, Jurema sugere que a província seria uma chave legítima de articulação da(o) Nordeste com o Brasil e o mundo. A suposta surpresa de Camus se converte assim em justificativa para mostrar a sintonia da capital pernambucana, o Leão do Norte, com o mundo através da literatura.

Há notícias de que na verdade esse volume da revista *Nordeste* foi uma edição organizada pelo Proust-Clube do Brasil, sediado no Rio de Janeiro e fundado em 4 de junho de 1947, tendo na presidência o potiguar Octacílio Alecrim, além do médico pernambucano Eustáquio Duarte como secretário-geral<sup>21</sup>. A agremiação contava entre seus membros com intelectuais oriundos de locais do Nordeste, cujas carreiras de alguma forma estavam ligadas ao contexto carioca, sendo um representante local de encontro de escritores e artistas de várias regiões do Brasil. Isso exemplifica como a capital federal havia se configurado em ponto central para quem tinha pretensões intelectuais e artísticas não só pelo potencial para essas carreiras, mas também pelos diversos postos públicos ali existentes.

A tradução dos sete volumes da obra de Marcel Proust no Brasil pelo Livraria do Globo, publicados entre 1948 e 1956, abriu portas para um novo público potencial, o que de fato reativou a crítica proustiana, tanto na imprensa generalista quanto na especializada (Sauthier, 2014, p. 374-392). A edição da *Nordeste*, mesmo que pouco fale da tradução, resulta dessa nova atualidade proustiana. Conforme Michel Espagne (2012, p. 32) e suas reflexões sobre a história do livro e transferência cultural, a tradução de uma obra tem potencialmente um impacto muito maior se comparado com o artefato em língua original, e isso não apenas pela democratização destacada antes, mas também porque implica nova redação do livro que acaba por ligá-lo ao novo contexto de recepção.

O clube surgiu com a intenção manifesta de promover estudos e vulgarização da obra, através do reagrupamento de proustianos brasileiros. Isso levou ao lançamento da *Revista Branca* em 1948, alusão direta a uma revista em que o jovem Proust teria contribuído na França. Incentivada pelo interesse proustiano, a revista seria um espaço para jovens intelectuais discutirem a atualidade cultural brasileira e internacional. O lançamento da primeira edição brasileira em homenagem a Proust, a edição número 4 da *Revista Branca*, teria assim buscado unir esses projetos, dando espaço a uma nova geração de proustianos na intelectualidade brasileira, mas criando uma continuidade com as gerações de 1920 (Sauthier, 2014, p. 381-382). De qualquer forma, é importante novamente destacar que o Proust-Clube foi responsável, direta ou indiretamente, pela publicação das três edições especiais sobre Proust no Brasil entre 1948 e 1950: a já citada edição especial da *Branca* de 1948-49, a *Nordeste* de 1949 e a *Proustiana Brasileira* de 1950.

Essa quase onipresença de Proust entre a intelectualidade brasileira nessa conjuntura, potencializada pela tradução, remete novamente à já referida presença da retórica destacada por José Murilo de Carvalho (2000). Conforme esse historiador, o que importava era citar autores de autoridade, mesmo que fossem supostamente leituras superficiais ou feitas a partir de comentaristas. Nesse jogo retórico de uso de autores autorizados ou canônicos, importavam menos a fidelidade ou o conteúdo, e mais a citação em si, que para Carvalho (2000) era o centro do problema. Nesse campo de batalha, se o bairrismo e o suposto exagero regionalista vinham sendo criticados, como faz Antonio Candido em 1946 (2002, p. 184), a mobilização desse Proust provinciano na *Nordeste*, longe de surpreender, mostrava justamente a tentativa de legitimação. As diferenças temáticas entre as edições especiais do Rio de Janeiro e do Recife, mesmo

<sup>21</sup> Antonio Candido teria afirmado que o clube foi patrocinado pelo empresário e diplomata Walther Moreira Salles. Em 1948, a agremiação contava com: Jaime Adour da Câmara, Lucia Miguel Pereira, Augusto Meyer, Octacílio Alecrim, Alvaro Lins, Josué Montello, Afonso Arinos de Melo Franco, Alcântara Silveira, Augusto Frederico Schmidt, Carlos Drummond de Andrade, Ciro dos Anjos, Jorge de Lima, José Lins do Rego, Lêdo Ivo, Maurício Rosenblat, Otávio de Faria, Prudente de Moraes Neto, Raymundo de Castro Maya, Ruy Coelho, Sergio Buarque de Holanda, Violeta Alcântara Carreira, Saldanha Coelho e Tomás Santa Rosa (Sauthier, 2014, p. 338-339).

que todas remetam ao Proust-Clube, parecem confirmar isso.

Dentro desse processo de reapropriação de Proust no Brasil na década de 1940, o lançamento da homenagem da *Nordeste* ocupou lugar importante, mesmo que não tenha de fato alcançado grande repercussão em outros espaços como Rio de Janeiro ou São Paulo<sup>22</sup>. Contudo, ela foi a peça mais importante de reativação da crítica proustiana na região Nordeste, reatualizando a leitura regionalista inaugurada pelo poeta Jorge de Lima. Mas devemos lembrar que isso ocorreu dentro de um panorama intelectual marcado pelo balanço cultural brasileiro, décadas depois da Semana de Arte Moderna de 22, que fez do tema da identidade nacional algo central.

A *Revista Branca* se lançou também como editora, o que já foi apontado quando se abordou aqui a *Proustiana Brasileira*. Em 1954, ela publicou o livro *Modernismo, estudos criticos*, cuja introdução destacava justamente esse momento de reavaliação dos legados modernistas. O texto inicia destacando as então recentes comemorações pelo "trigésimo aniversário da Semana de Arte Moderna" (Coelho, 1954, p. 07). Saldanha Coelho tinha então 28 anos, era o diretor da *Revista Branca* desde seu lançamento em 1948, e consta como o organizador desse volume que se queria uma revisão dos valores do modernismo por "uma corrente de opinião dos escritores novos em face do movimento de 22" (Coelho, 1954, p. 08)<sup>23</sup>.

Embora a *Revista Branca* não esteja no horizonte deste artigo, inevitavelmente ela acabou sendo abordada, antes de tudo porque esteve intimamente ligada ao Proust-Clube e, consequentemente, à edição da *Nordeste*. A sua relação com Proust e suas linhas editoriais, por outro lado, permite levantar uma questão importante aqui: sobre o cenário internacional e as relações com o Brasil. Com um projeto que parece muito

diferente da proposta editorial da *Nordeste*, a *Revista Branca* (e sua atuação como editora de livros) teve como grande foco o estabelecimento de relações com espaços estrangeiros. Isso é duplamente exemplificado, quer seja pelas edições que deram muito espaço à literatura e ao pensamento norte-americanos, quer pelo esforço em circular literatura e crítica literária brasileira no espaço francês, inclusive com obra bilingue. Seu próprio subtítulo, *Revista trimestral de literatura e arte*, em determinada época passou a constar na capa em outras quatro línguas: inglês, francês, espanhol e italiano.

Essa proposta da *Revista Branca* de alguma forma é sintomática do cenário internacional, marcado por profundas transformações no cenário surgido após o fim da Segunda Guerra Mundial<sup>24</sup>. Por mais estranho que pareça a princípio, o alinhamento do Brasil com os Estados Unidos na configuração da Guerra Fria parece ter contribuído para uma reaproximação com a cultura francesa. Segundo Sauthier (2014, p. 369-370), após a política de boa vizinhança com os Estados Unidos, quando a ligação cultural com a Europa teria ficado em vias de se romper, a Guerra Fria inaugurou uma nova conjuntura de realinhamento do continente americano e a Europa; foi isso que contribuiu para que as novas gerações de intelectuais pós-1945 estivessem mais interessados na literatura francesa, elemento central no ressurgimento de Proust no Brasil.

Assim, se essa conjuntura pós-1945 demandava reflexões sobre os legados recebidos, havia também a exigência de se fazer isso levando em conta questões levantadas pelo novo cenário internacional então presente. Como já foi destacado, o lançamento da *Nordeste* em 1945, que se apresentou então ao público com um texto sobre o mundo "Na Porta de Saída das Guerras", indica que, mesmo de cunho regionalista, o periódico se voltava também para as questões internacionais.

<sup>22</sup> Analisando a imprensa carioca, Etienne Sauthier (2014, p. 400) afirma que essa edição especial da *Nordeste* sobre Proust teve pouca cobertura, enquanto a promessa de lançamento da *Proustiana Brasileira* foi assunto ao longo de 1949.

<sup>23</sup> Essa introdução vem assinada pela *Revista Branca*, sem trazer o nome de quem de fato seria o responsável. Contudo, os indícios apontados sugerem que Saldanha Coelho seja o autor.

<sup>24</sup> Caberia um estudo para analisar isso mais a fundo, com maior interesse ainda se for lembrado que diversas edições da *Revista Branca* foram apoiadas financeiramente pelo Estado, através do Instituto Nacional do Livro. Na edição de 1954 sobre modernismo, a apresentação da obra agradece inclusive nominalmente ao diretor do instituto Augusto Meyer (Coelho, 1954, p. 08).

Já se apontou aqui que a edição especial da *Nordeste* praticamente não comenta a tradução da Livraria do Globo. Se essa nova e importante mediação entre o Brasil e Proust, acontecimento central da elevação da exegese proustiana na conjuntura, não aparece ali, inevitavelmente devemos pensar o que isso implica, questão indicada anteriormente. De alguma forma, isso significava afirmar que, a essa intelectualidade presente na *Nordeste*, não interessava abordar a nova mediação nascida no Sul, seja Porto Alegre ou Rio de Janeiro, que sua ligação com a modernidade da literatura universal se dava sem intermediários de outros espaços nacionais. A *Nordeste* não só ignorava a tradução, como também trazia textos de intelectuais franceses importantes, o que duplamente parece reforçar a defesa de um elo direto com a França.

É como se o acontecimento literário pelo qual Proust reemergia no Brasil, a tradução, não fosse importante na edição especial, visto que somente o texto de Glaucio Veiga, já no meio da revista, rapidamente cita o lançamento da primeira tradução brasileira – ainda assim, de maneira indireta, quando Veiga critica a interpretação bergsoniana da obra de Proust feita por Augusto Meyer, que escreveu as notas de leitura da tradução do primeiro volume de 1948. Interessante que Glaucio Veiga usa a autoridade da biografia de André Maurois como argumento em seu favor.

Etienne Sauthier analisa muito bem como se deu o retorno da exegese regionalista nessa conjuntura de redescoberta de Proust no Brasil na década de 1940, cuja edição da *Nordeste* simboliza o ápice, mas não se detém ao que essa reativação significou. Se de fato a tradução foi elemento central da recepção proustiana, conforme a análise do historiador, por que a antologia de textos da *Nordeste* a ignorou? Como o surgimento da tradução foi um evento cultural nacional, um acontecimento literário que gerou uma fortuna crítica volumosa, não é possível crer que esse silêncio tenha sido involuntário.

O lançamento simultâneo de *No caminho de Swann* em São Paulo, Rio de Janeiro e Porto Alegre pela Livraria do Globo em 15 de outubro de 1948, apontado por Maria Marta Laus Pereira Oliveira (1993, p. 279), talvez seja um indício sobre o silenciamento da *Nordeste*. Outro motivo que não anula necessariamente o anterior, mas deve ser levado em conta, é uma questão econômica, visto que a página 11 da edição especial traz um anúncio considerável da Companhia Editora Nacional, anunciante assíduo de outras edições do periódico recifense, e concorrente da Livraria do Globo no mercado editorial nacional<sup>25</sup>.

De alguma forma, a exegese proustiana no Brasil parece esboçar o panorama nacional, visto que esse período de democratização política teve também implicações nas artes, e na cultura em geral. Se a modernização em curso evidenciava contradições, sobretudo no plano social, conforme aponta Santuza Cambraia Naves (2008), isso esteve relacionado com as propostas estéticas múltiplas que, conforme a autora, se chocavam e se somavam. Santuza Naves (2008), em sua análise de algumas experiências artísticas da conjuntura pós-1945, destaca como certos aspectos estavam em sintonia com questões do modernismo herdadas da década de 1920, o que nos leva novamente às relações entre regionalismo, província e modernismo.

Como o Proust-Clube era sediado no Rio de Janeiro, e contava com grande presença de intelectuais oriundos de locais do Nordeste, isso permitiu uma circulação da leitura regionalista, o que não ocorreu em São Paulo. Segundo Sauthier (2014), isso significou a existência de uma rede importante entre intelectuais cariocas e nordestinos, em oposição ao maior isolamento dos paulistas, possivelmente o espaço brasileiro mais refratário à obra proustiana. Nessa rede, o potiguar Octacilio Alecrim, fundador e presidente do clube, teria sido central como ponte entre a *Nordeste* e o Proust-Clube. De qualquer forma, é importante reter que, enquanto Proust era rece-

<sup>25</sup> A Livraria do Globo fez quatro anúncios na *Nordeste* em 1946, mas depois disso desapareceu das páginas da revista. Já a Companhia Editora Nacional consta entre os principais anunciantes do periódico, com 17 propagandas entre 1945 e 1955, sendo que em 1949 alcançou o ápice de cinco, justamente no ano da edição especial em homenagem a Proust.

bido por diversos espaços intelectuais, estes em geral estavam articulados por redes efetivadas pela mobilidade nacional da elite (Sauthier, 2014, p. 413-415).

Vimos que Eustáquio Duarte, secretário-geral quando da criação do Proust-Clube, estava entre esses intelectuais do Nordeste que também circulavam na capital. Assim, não surpreende que ele também tenha escrito no especial da revista *Nordeste*, texto cuja ênfase também foi a Província, pela associação entre a fictícia Combray proustiana e a cidade Illiers da família e da infância de Proust. Duarte (1949) faz isso principalmente baseado no livro de Larcher, citando-o direta e indiretamente no texto "Visão de Combray". Aliás, Larcher surge como a ponte oficial entre a Société des amis de Marcel Proust et des amis de Combray, fundada na França também em 1947, e o Proust-Clube no Brasil. A *Nordeste* enfatizou isso dando grande espaço bem no meio da edição, onde destaca os contatos e as relações entre os proustianos brasileiros e os franceses. Assim, ela documentou que o então secretário da embaixada do Brasil em Paris, o proustiano Roberto Assumpção, teria entrado em contato com a Société, tendo recebido uma carta de Larcher que vem publicada na *Nordeste*. Mais uma vez vemos a ponte entre o local e o internacional, tema que atravessa alguns textos nessa leitura provinciana de Proust, quando se afirma que a Société seria um "[...] círculo de estudos e conservação dos motivos proustianos ligados à Província" (*Nordeste*, 1949, p. 10)<sup>26</sup>.

Mas de todos os textos publicados na *Nordeste*, "A província de Proust", de Luiz Santa Cruz (1949, p. 03, e p. 07), é o que chama mais a atenção para as relações entre Proust e o modernismo brasileiro e, conseqüentemente, para as ligações com o regionalismo. O crítico aponta a influência que Proust teria legado ao modernismo brasileiro como o guia na busca da província perdida, segundo a opinião de Jorge de Lima. Dessa forma, Santa Cruz (1949) soma ao itinerário *provinciano* da revista *Nordeste* de maneira manifesta sua

ligação com o modernismo, visto que teria sido Proust o guia dos modernistas brasileiros na recuperação da terra natal. Essa vertente regionalista do modernismo atribuía a Proust os ensinamentos de como usar as vivências do passado para descobrir e conhecer a terra natal/província perdida. Para o crítico, isso marcou a primeira fase do modernismo brasileiro. Por fim, Santa Cruz (1949) cita importantes brasileiros modernistas que teriam sofrido a influência de Proust, como Carlos Drummond de Andrade e Manuel Bandeira, ambos mais tarde também tradutores do romance proustiano. Neste sentido, esse texto da recepção proustiana da *Nordeste* surge como um dos mais centrais, visto que articula de forma manifesta a província ao Modernismo, reafirmando assim a autoridade do regionalismo por meio de uma, na época, quase inquestionável autoridade "proustiana". Ou seja, em vez de entender regionalismo e modernismo como opostos ou alternativos, Luiz Santa Cruz possibilitou aqui uma leitura da ligação inerente entre ambos. Com um itinerário inverso de Aderbal Jurema, que parte de Recife a Paris, mas com a semelhante ligação entre regionalismo e cosmopolitismo, Santa Cruz destaca o lado provinciano da capital francesa: "Paris, a Cidade-Luz, pode ter entrado em sua obra; mas que era a Paris de Proust senão uma grande cidade-província?" (1949, p. 03).

Isso mostra que, ao contrário de ser meramente uma tendência nostálgica romântica e tradicionalista, a busca da província perdida podia ser inserida dentro do espectro modernista brasileiro, com a legitimidade de Proust, escritor estrangeiro cuja autoridade da obra era então celebrada entre as mais fundamentais "fontes estrangeiras dos poetas e ficcionistas do modernismo brasileiro" (Santa Cruz, 1949, p. 07).

O texto de Octacílio Alecrim (1949), justamente o presidente fundador do Proust-Clube, insiste já no título "Província de Combray". Alecrim (1949) na verdade tece aqui comentários sobre a obra proustiana principalmente através das considerações da já citada geografia literária de André

<sup>26</sup> É digno de nota observar que alguns destes proustianos brasileiros que aparecem na *Nordeste* foram filiados à Société francesa logo em seus primeiros anos de criação.

Ferré. Assim, além de destacar coincidências entre regiões da França e da *Recherche*, o fundador do Proust-Clube não deixa de destacar que a geografia em Proust é romanceada. Ou seja, longe de apenas fazer um registro descritivo da paisagem, o romancista francês teria criado, a partir de dados reais abordados por método impressionista, paisagens literárias.

Octacílio Alecrim foi um leitor atento de Proust, e sabia que essa ode à Província poderia criar um problema, pois o contato do protagonista/narrador do romance com a realidade é comumente marcado pelo desencanto:

O mundo exterior, nos momentos em que Proust se encontra em contacto com êle, não lhe oferece grande coisa, o enjôa, o decepciona, o choca, por sua própria percepção presente, e daí suas geniais transposições, justaposições e desintegrações no plano imaginário dos objetos, das coisas e dos lugares (Alecrim, 1949, p. 04).

Alecrim (1949) é da opinião de que Proust seria um escritor impressionista, que tinha como método de identificação a impressão associada, o que faria do seu realismo resultado da reconstrução do vivido. Isso leva o crítico a destacar, através do texto de Ferré, como a geografia proustiana seria tão impressionante quanto o elemento tempo, pois a reminiscência da impressão, como mecanismo de ativar quadros da memória e da imaginação, levaria ao redescobrimto dessas províncias que sintetizam o tempo da infância com os lugares onde foi vivida.

A pesquisa com base na recepção costuma levantar questões importantes quando se defronta com as polêmicas e querelas entre os críticos, pois normalmente essas evidenciam como os artefatos culturais são objetos de disputa. Vimos isso com Glaucio Veiga e Augusto Meyer, mas houve outra polêmica que envolveu a *Nordeste*: a respeito de uma imagem que teria sido usada originalmente no número especial da *Revista Branca* em 1948. Trata-se de um esboço de Proust feito pelo importante ilustrador e artista gráfico Tomás Santa Rosa, que usou como modelo o retrato de Proust feito pelo amigo e pintor J. E. Blanche.

A *Revista Branca* teria reclamado do uso que a *Nordeste* fez dessa imagem, o que levou o periódico recifense, na edição seguinte à homenagem a Proust do início de 1950, a responder. Foi alegado que o desenho havia sido demandado por Octacílio Alecrim, como presidente do Proust-Clube, para ilustrar a edição de 1948 feita pela *Revista Branca*. A resposta da *Nordeste*, ao argumentar que a edição especial teria sido entregue completa e paginada pelo próprio Proust-Clube para ser publicada, tentava se eximir de qualquer responsabilidade em ato de desonestidade ou apropriação indébita. A resposta ainda destacava, por fim, aludindo a Saldanha Coelho: "E tudo isso devia ser do conhecimento do diretor da 'Branca' que é um dos sócios do Proust-Clube" (Tópicos, 1950, p. 02). É preciso relativizar essa afirmativa, de que a edição em homenagem a Proust seria externa à *Nordeste*, tendo sido ali apenas entregue pela agremiação carioca. Na verdade, havia uma permeabilidade muito grande entre o Proust-Clube e a revista, não sendo poucos os casos de intelectuais que estavam em ambos os espaços. Muitos que colaboraram no volume especial na verdade aparecem com maior ou menor frequência nas páginas da *Nordeste* ao longo das décadas de 1940 e 1950.

Essa pequena querela que veio a público é um ótimo indicio das disputas dentro do próprio grupo proustiano que integrava o Proust-Clube, e que era composto por intelectuais, literatos e artistas oriundos de diversas regiões do Brasil. Tanto as disputas quanto as afinidades são indícios das redes de relações entre intelectuais e respectivos grupos, num cenário em que a capital federal gozava de lugar central. O fato é que a intelectualidade brasileira tinha na capital federal uma espécie de vitrine, visto que ali era um espaço potencial de atuação, e também pelas oportunidades dos empregos em repartições públicas. De fato, o Rio de Janeiro contava então com muitos espaços públicos e privados potenciais para atrair e acomodar esses intelectuais, como por exemplo a Diretoria do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, o Instituto Nacional do Livro, ou mesmo editoras como a José Olympio.

Inevitavelmente, a recepção de Proust se envolveu em debates culturais diversos, muitos deles centrais na conjuntura, e o caso aqui da apropriação feita pela revista *Nordeste* representa uma tomada de posição dentro do próprio campo intelectual. Pois, a edição especial de 1949 indicava que o regionalismo, supostamente *provinciano*, deveria ser lido dentro do espectro modernista brasileiro, e não como uma reação romântica ou nostálgica de retorno ao passado arcaico. Lembremos que esse debate era então presente, o que é sugerido quando levamos em conta que o livro intitulado *Manifesto Regionalista* de 1926 de Gilberto Freyre viria a ser publicado de fato apenas em 1952, mesmo tendo suas raízes no Congresso Regionalista de 1926. As reflexões de José Murilo de Carvalho (2000) foram fundamentais para entender, portanto, que o importante era a citação de Proust e sua obra, e não a suposta veracidade do conteúdo em si, o que ajuda a explicar por que a recepção significou a inserção do romancista francês em debates nacionais preexistentes, como fez a *Nordeste*. Se o regionalismo e seu arauto teórico Gilberto Freyre, após o sucesso da década de 1930, vinham sofrendo ataques e sendo até tachados de *bairristas*, como vimos no caso de Antonio Candido em 1946, a nova conjuntura também permitiu uma remobilização do regionalismo principalmente através da noção de província. E isso, não para combater o modernismo em si, talvez nem mesmo para se considerar como uma alternativa, mas para tentar defender que ambos estavam engajados num mesmo movimento de reflexão e renovação da cultura que vinha sendo feito desde a década de 1920. Tal como os modernistas, Gilberto Freyre também atacou por vezes as produções culturais que se submetiam demais ao academicismo ou aos movimentos importados acriticamente do exterior, sobretudo a Europa, o que deveria ser remediado justamente levando em consideração as singularidades regionais.

Mais uma vez entrando no tema da província, Joaquim Cardozo (1949, p. 12) criou também uma ponte entre Proust e Recife, através de sua experiência pessoal: no artigo "Proust e os trens de

Província", o crítico aborda como um dos grandes símbolos da modernidade, o trem, aparece na obra do romancista francês, e assim faz uma ponte direta com o seu passado, quando viajava entre Recife e Jaboatão. Não por acaso, esse texto foi ilustrado com uma reprodução do famoso quadro do pintor francês Claude Monet da estação de Saint-Lazare, obra que levanta questões muito interessantes da evanescente modernidade e do movimento impressionista. Conforme Peter Gay (2009), o impressionismo francês de meados do século XIX nas artes plásticas esteve entre os primeiros grandes movimentos modernistas na Europa.

Como foi sugerido no início, o motivo da província, tão reiteradamente presente na edição especial da *Nordeste*, se liga ao elemento evocado por Freyre (2003) no seu prefácio de *Casa-Grande & Senzala* de 1933. Na verdade, como manifesto em alguns textos de Freyre do período, o termo "província" era então a palavra de ordem da proposta do sociólogo recifense, conforme a crítica já citada de Antonio Candido (2002). *Em busca da Província Perdida* fazia assim desse romancista, se não um modelo, ao menos um símbolo de grande destaque na literatura mundial desta ligação entre passado e presente, desta evocação do passado talvez não tão perdido no presente. Vemos aqui uma leitura do tempo histórico diferente da noção iluminista moderna de progresso ascendente, linear e homogêneo, mas isso é um assunto que não cabe aqui.

Seria impossível ser categórico como Luiz Santa Cruz (1949) e afirmar que Proust de fato deu as principais lições ao modernismo brasileiro. Contudo, o que a edição da *Nordeste* indica é que um ensinamento proustiano importante foi a constatação da crise do romantismo. Os artigos que ali mostram a defesa da província, e assim do regionalismo, tentam justamente indicar isto: a busca do tempo/província perdida não se faz no afã de voltar na história, mas sim para entender como esse tempo passado se insinua ainda no presente: nos lugares, nas coisas ou nas pessoas. Isso explica em parte porque o escritor da *Recherche* foi recebido como um mestre, e é notório que

o enfrentamento e a superação do romantismo foram elementos centrais de várias tendências modernistas no Brasil. Assim, o passado deixava de ser idílico, e sua busca se transmutava para alguns dos grandes pensadores sociais da época, alguns dos quais, declaradamente proustianos, como uma tentativa de compreensão do presente. Conforme destaca Monica Pimenta Velloso (2010), o modernismo precisa ser abordado não apenas como rompimento da tradição e ligado ao novo, mas principalmente como uma forma de lidar com o passado que persiste em se insinuar no presente.

O lema da *Nordeste*, apresentado na primeira página, logo abaixo do nome da revista, sugere uma forma interessante para encaminhar as considerações finais do presente artigo: "São os do norte que vêm...", trecho de Tobias Barreto retomado no poema "Voluntários do Norte" de Manuel Bandeira. Lembremos primeiro que o poeta recifense foi central no modernismo, tendo sido seu poema "Os Sapos" declamado na Semana de 1922. Em entrevista de 1949, Bandeira deixava claro que o poema "Voluntários do Norte" foi justamente uma brincadeira que fizera sobre a "suposta rivalidade entre literatos do sul e literatos do norte" (Bandeira, 1986, p. 135)<sup>27</sup>. O poema foi lançado no livro *Estrela da Manhã*, de 1936, momento em que o regionalismo fazia grande sucesso, sobretudo com romancistas que alcançavam grande parcela do público nacional, como Graciliano Ramos, Jorge Amado, José Lins do Rego e Raquel de Queiroz.

A publicação de *Em busca da Província Perdida* significou de fato para esse grupo da *Nordeste* a defesa de um lugar regional, mas também projeção aos espaços nacional e internacional. Na verdade, ela materializou uma reivindicação pela qual essa intelectualidade, que na maioria gravitava ou ainda estava no Recife, exigia também ser universal e cosmopolita, tal como o mestre do tempo perdido. Muitos que contribuíram com a homenagem já tinham projeção nacional e

ocupavam lugares importantes na capital federal, e assim se engajaram nos debates sobre Proust que ocuparam muito espaço nessa conjuntura. A grande repercussão que o romancista francês ganhou fez dele então um importante objeto de disputa no campo cultural, principalmente em consequência do arrojado projeto da Livraria do Globo em lançar a primeira tradução brasileira integral do ciclo romanescos. Assim, ao receber *Em busca do tempo perdido*, um dos mais importantes romances do século XX, como redescoberta da província perdida, a *Nordeste* reivindicava uma posição dentro do espectro amplo e disputado das apropriações da obra do prestigiado romancista Marcel Proust. Mais do que isso, ainda, essa edição de 1949 defendeu que falar a partir de um centro supostamente regional, Recife, era tão legítimo quanto outros grandes centros urbanos, como o Rio de Janeiro ou Paris. Aliás, era na capital francesa que vivia à época Cícero Dias, importante pintor pernambucano, apresentado pela revista de cultura *Nordeste* nessa mesma edição como seu correspondente na *Cidade Luz*.

## Referências

- ALECRIM, Octacílio. Província de Combray. *Nordeste*, Recife, n. 5, p. 04, nov./dez. 1949.
- BANDEIRA, Manuel. Entrevista concedida à revista porto-alegrense *Província de São Pedro*, número 13, de 1949. *Travessia*, Florianópolis, ed. esp., 1986. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/travessia/article/view/17531/16107>. Acesso em: 13 fev. 2025.
- BARROS, Rosário de Pompéia Macêdo de. *Das relações políticas à racionalização das industriais culturais: a trajetória do sistema Jornal do Commercio de comunicação*. 2009. 112 f. Dissertação (Mestrado em Comunicação) – Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2009.
- CAMPOS, Paulo Mendes. Manuel Bandeira fala de sua obra. *Travessia*, Florianópolis, v. 5, n. 13, p. 124-140, 1986. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/travessia/article/view/17531/16107>. Acesso em: 29 abr. 2024.
- CANDIDO, Antonio. *Textos de Intervenção*. São Paulo: 34: Duas Cidades, 2002.
- CARDOZO, Joaquim. Proust e os trens de Província. *Nordeste*, Recife, n. 5, p. 12, nov./dez. 1949.

<sup>27</sup> A entrevista foi concedida à revista porto-alegrense *Província de São Pedro*, número 13, de 1949. A revista *Travessia*, da UFSC, organizou em 1986 uma edição especial sobre Manuel Bandeira, na qual republicou a entrevista. Ela está disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/travessia/article/view/17531/16107>.

CARPEAUX, Otto Maria. Lição de Proust. In: COELHO, Saldanha. *Proustiana Brasileira*. Rio de Janeiro: Revista Branca, 1950.

CARVALHO, José Murilo de. A História intelectual no Brasil: a retórica como chave de leitura. *Topoi*, Rio de Janeiro, n. 1, p. 123-152, 2000. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/topoi/a/GkWQqcpQjZy7WB8ygXWwKDj/>. Acesso em: 29 abr. 2024.

COELHO, Ruy. Marcel Proust e a nossa época. *Clima*, São Paulo, n. 1, p. 20-65, maio 1941.

COELHO, Saldanha. Introdução. In: COELHO, Saldanha. *Modernismo: estudos críticos*. Rio de Janeiro: Revista Branca, 1954.

COUTINHO, Evaldo. À margem da correspondência de Marcel Proust. *Nordeste*, Recife, n. 5, p. 11, nov./dez. 1949.

DELGADO, Luiz. Na Porta de Saída das Guerras. *Nordeste*, Recife, n. 1, p. 01, nov. 1945.

ESPAÑE, Michel. Transferências Culturais e História do Livro. *Livro: Revista do Núcleo de Estudos do Livro e da Edição*, São Paulo, n. 2, p. 21-34, ago. 2012.

FÉRRE, André. Geografia de Proust. *Nordeste*, Recife, n. 5, p. 02, nov./dez. 1949.

FREYRE, Gilberto. *Casa-Grande & Senzala: formação da família brasileira sob o regime da economia patriarcal*. São Paulo: Global, 2003.

FREYRE, Gilberto. Povo, província, estudante e arte. *Nordeste*, Recife, n. 4, p. 17, fev. 1946.

FREYRE, Gilberto. *Manifesto Regionalista*. Recife: Fundaj; Massangana, 1996.

GAY, Peter. *Modernismo: o fascínio da heresia: de Baudelaire à Beckett e mais um pouco*. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

HOLANDA, Gastão de. Introdução a um estudo sobre Marcel Proust. In: COELHO, Saldanha. *Proustiana Brasileira*. Rio de Janeiro: Revista Branca, 1950. p. 155-167.

HOLANDA, Sérgio Buarque de. Tempo e Verdade. In: COELHO, Saldanha. *Proustiana Brasileira*. Rio de Janeiro: Revista Branca, 1950.

JUREMA, Aderbal. Nós e Proust. *Nordeste*, Recife, n. 5, p. 02, nov./dez. 1949.

MAUROIS, André. *Nordeste*, Recife, n. 5, p. 01, nov./dez. 1949.

NASCIMENTO, Luiz do. *História da Imprensa de Pernambuco (1821-1954)*. v. X: Periódicos do Recife 1941/1954. Recife: UFPE, 1997.

NAVES, Santuza Cambraia. Os novos experimentos culturais dos anos 1940/50: propostas de democratização da arte no Brasil. In: FERREIRA, Jorge; DELGADO, Lucília de Almeida Neves. *O Brasil Republicano. O tempo da experiência democrática: da democratização de 1945 ao golpe civil-militar de 1964*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2008.

NEIS, Ignacio Antonio. A crítica literária brasileira nos caminhos de Proust. *Travessia*, Florianópolis, n. 16-17-18, p. 168-208, 1988-1989.

NORDESTE. Em busca da Província Perdida. Recife, n. 5, nov./dez. 1949.

OLIVEIRA, Maria Marta Laus Pereira. *A Recepção Crítica da Obra de Marcel Proust no Brasil*. 1993. 459 f. Tese (Doutorado em Literatura Comparada) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 1993.

PEREIRA, Lúcia Miguel. Proust. *Nordeste*, Recife, n. 5, p. 05 e 09, nov./dez. 1949.

PROUST e a Província. *Nordeste*, Recife, n. 03, p. 02, maio/jun. 1949.

SANTA CRUZ, Luiz. A província de Proust. *Nordeste*, Recife, n. 5, p. 03 e 07, nov./dez. 1949.

SAUTHIER, Etienne. *Combray sous les tropiques: Diffusions, réceptions, appropriations et traductions de l'oeuvre de Marcel Proust au Brésil (1913-1960)*. 2014. 604 folhas. Thèse (Docteur en Histoire) – Université Paris 3, Sorbonne Nouvelle, Paris, 2014.

TÓPICOS. A Revista Branca nº 10. *Nordeste*, Recife, n. 1, p. 02, jan./fev. 1950.

VEIGA, Glaucio. Proust e outros. *Nordeste*, Recife, n. 5, p. 09 e 18, nov./dez. 1949.

VELLOSO, Monica Pimenta. *História e Modernismo*. Belo Horizonte: Autêntica, 2010.

VELLOSO, Monica Pimenta. Percepções do Moderno: as Revistas do Rio de Janeiro. In: NEVES, Lúcia Maria Bastos P.; MOREL, Marco; FERREIRA, Tania Maria Bes-sone da C. *História e Imprensa: representações culturais e práticas de poder*. Rio de Janeiro: DP&A; Faperj, 2006.

---

## Paulo Rodrigo Andrade Haiduke

Possui graduação e licenciatura em História pela Universidade Federal do Paraná (2006). Em 2009, concluiu o mestrado em História na mesma instituição, com a dissertação intitulada "A modernidade entre o desencanto e a idealização: um diálogo entre História e Literatura a partir do romance À la Recherche du Temps Perdu de Marcel Proust". Concluiu o doutorado em História no Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal do Paraná, na Linha de Pesquisa Espaço e Sociabilidades, em continuidade à pesquisa desenvolvida no mestrado, com a tese "A la recherche du temps perdu como uma monumentalização da Belle Époque parisiense". Realizou estágio de doutorado sanduíche na École des Hautes Études en Sciences Sociales, em Paris (bolsa CAPES-PDSE), durante o ano letivo 2011-2012. Atualmente, é professor adjunto da Universidade Estadual do Centro-Oeste (Unicentro), no Departamento de História de Guarapuava, Paraná. É também docente permanente no Programa de Pós-Graduação em História na mesma instituição. Possui experiência em História, com ênfase em História e Literatura, História Contemporânea e Patrimônio Histórico.

---

**Endereço para correspondência****PAULO RODRIGO ANDRADE HAIDUKE**

Rua da Alvorada, n. 188, Bairro Santana, 85.070.050

Guarapuava, Paraná, Brasil

*Os textos deste artigo foram revisados por Araceli Pimentel Godinho e submetidos para validação dos autores antes da publicação.*